



# EDITORIAL

## LITERATURA DE CORDEL: NOVOS OLHARES, NOVAS ABORDAGENS

As primeiras folhas volantes surgiram na Europa por volta do século XVI, e se espalharam por toda a Península Ibérica, contribuindo enormemente para a difusão de notícias maravilhosas sobre o Novo Mundo entre os europeus, os quais, seduzidos por tais notícias, alçaram vozes e velas em busca da tão decantada Cocanha do *fabliaux* francês do século XIII. Os viajantes europeus e colonos europeus, aqui aportados, trouxeram na bagagem histórias de fadas, príncipes, reis e rainhas; de valentes e paladinos; de mulheres castas e constantes; de heróis astutos e de seres extraordinários que logo se adaptariam ao calor dos trópicos e à lira dos nossos mais renomados poetas e cantadores, ajudando a povoar os sonhos e a aguçar a astúcia daqueles que precisavam driblar as adversidades socioambientais e as hostilidades do meio. De lá para cá, e mais precisamente nas décadas de 1950 e 60, o cordel quase sucumbiu à difusão massiva dos meios de comunicação, mas resistiu bravamente ao propor temas mais universais e de interesse dos leitores e ouvintes brasileiros de outras regiões do país. Por conta dessa diversidade temática, poética e expressiva, testemunhou, narrou e registrou vários momentos de nossa história.

Se no princípio apenas os homens dominavam a arte de compor e cantar em versos, aos poucos as mulheres também foram ocupando o palco, de modo que hoje elas cantam suas demandas à maneira das tradicionais sextilhas e do repente. Atualmente os(as) poetas ajustam à sua métrica, rima e oração, temas de interesse nacional e internacional; denunciam os pontos falsos e as contradições do sistema; questionam decisões e zombam da hipocrisia sem, contudo, perder aquela aura de lúdico e maravilhoso que consagrou o cordel entre nós. Escrito e impresso, desde o final do século XIX, o cordel continuou mantendo forte ligação com a voz, a cultura de feiras e praças, o feérico e o riso dos heróis ladinos, o sentimento de indignação dos menos favorecidos e a exaltação de lendários valentes. Essa feição múltipla da literatura de

cordel permitiu que posturas equivocadas a definissem como uma literatura de “alienação” e de “evasão”.

Com Roger Chartier (2014) e tantos outros pesquisadores, a literatura de cordel passou a ser problematizada em seu contexto de produção, materialidade e circulação, com base na relação dos textos com o cotidiano de seus leitores/ouvintes; por sua vez, Paul Zumthor (1991) chamou a atenção para a relação do cordel com a oralidade dos cantadores, a performance do corpo no ato de cantar a poesia e dos griôs africanos; pesquisadores mais recentes propõem leituras dos folhetos populares à luz de novas abordagens epistemológicas e práticas culturais.

Em virtude da resiliência que lhe é característica, e pela capacidade de sobrevivência, de atualização e ressignificação, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu o cordel brasileiro, no dia 19 de setembro de 2018, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, fato que só reforça sua dimensão cultural, literária, poética, estética, comunicativa, afetiva, criativa e social.

Deste dossiê da *Revista Jangada* participaram pós-graduandos e pesquisadores de diversas instituições públicas e privadas brasileiras cujos estudos estão voltados para a compreensão do gênero cordel, tanto nos seus primórdios quanto na atualidade. As contribuições reúnem uma série de textos cujos eixos temáticos passam pela associação literatura de cordel e oralidade; literatura de cordel e gênero; literatura de cordel, ensino e formação de leitor; literatura de cordel e relações étnico-raciais, História, atualidades e novas epistemes.

Abre o dossiê o artigo **Folhetos nordestinos vestidos de saia: a escrita da cordelista piauiense Ilza Bezerra**, de Weber Firmino Alves e Naelza de Araújo Wanderley, que discutem o fenômeno do apagamento feminino na produção de folhetos nordestinos, ao mesmo tempo em que analisam cinco cordéis da cordelista piauiense Maria Ilza Bezerra, autora que tem se destacado pela escrita de folhetos abordando a história de personagens femininas protagonistas.

Na sequência, em **Memórias da oralidade da minha avó: Antonino e o Pavão do Mestre, cantoria e literatura de cordel**, Jefferson Melo da Silva, se utilizando de ferramentas metodológicas da história oral e desenvolvendo uma criteriosa análise documental da literatura de cordel, recupera trechos de uma história popular que narra uma trágica história de morte e vingança entre uma criança e seu mestre, acomodada nos versos de *Antonino e o Pavão do Mestre*, e cujos fragmentos sobreviveram na memória de uma mulher negra, analfabeta e trabalhadora braçal do interior do Rio Grande do Norte.

No artigo **De Maria a Isabel, do silêncio ao grito: chega de machismo no cenário e nos versos do cordel**, Daniela Souza Silva e Alvanita Almeida Santos entabulam um debate



sobre a importância da luta das mulheres cordelistas pelo fim dos discursos machistas ainda presentes no cenário da literatura de cordel brasileira, ao passo que, em **Cartografia dos folhetos e suas ilustrações: histórias na encruzilhada do tempo**, Geovanni Gomes Cabral sugere que as ilustrações que geralmente servem para estampar as capas dos folhetos de cordel sejam estudadas para além dos elementos da narrativa que representam, de modo que precisam ser analisadas também como fonte documental em trânsito na encruzilhada do tempo.

Cleysson Bruno Costa Rodrigues e Maria do Socorro Carvalho, no artigo intitulado **Uma aproximação dos romances de cordel com os contos de fadas a partir dos romances *A Princesa do Reino da Pedra Fina e O Príncipe e a Fada*, de Manoel Pereira Sobrinho**, analisam como o maravilhoso, o imaginário e o fantástico são retratados na literatura de folhetos do Nordeste brasileiro, enquanto que no artigo **As heroínas amefricanas: os cordéis de Jarid Arraes sob análise feminista decolonial**, Jiliane Móvio Santana analisa os folhetos de cordel que compõem a coleção *Heroínas Negras Brasileiras*, de Jarid Arraes, como ferramentas políticas fomentadoras de abordagens relevantes sobre os feminismos negro e decolonial.

Frederico Heberth Carvalho de Santana e Cristine Fortes Lia assinam o artigo **Literatura, História e Direito: os folhetos de cordel como instrumentos para a (in)formação da cidadania**, entabulando uma discussão cujo principal objetivo é identificar a literatura de cordel como uma linguagem que possibilita a (in)formação cidadã das pessoas, sejam elas alfabetizadas ou não, uma vez que por meio desta prática, aliada à multidisciplinaridade, é possível transitar entre as diferentes linguagens e tradições, exercitando e desenvolvendo capacidade de cognição, leitura e crítica.

No artigo **Produção, leitura e compartilhamento de textos cordelísticos nas redes sociais**, Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho e Elizabeth Gonzaga de Lima discutem a virtualização dos textos populares à luz da teoria de mídias e da história da leitura, evidenciando os recursos e espaços que os poetas populares dispõem para produzir e dar circularidade aos seus textos nas redes sociais.

No artigo **Cordel com tempero capixaba**, Rodrigo dos Santos Dantas da Silva apresenta a recente produção de folhetos de cordel no estado do Espírito Santo, com vistas a mapear a produção de cordelistas capixabas e analisar alguns desses textos a fim de se estabelecer a arquitetura de folhetos ou poemas cujos autores se inspiraram no estilo nordestino.

Em **Inácio da Catingueira e Luiz Gama: duas vozes poéticas negras pela liberdade**, Gustavo Henrique Alves de Lima analisa a poesia de dois autores negros que se manifestaram, em primeira pessoa, pela liberdade e pelo direito à voz: Inácio, nos terreiros e alpendres da casa

grande, e Gama, nos jornais, militando pela Abolição e por sentenças mais justas para os cativos levados ao tribunal.

Vanusa Mascarenhas Santos, no artigo intitulado **Cordel: oralidade e escrita em fluxo**, propõe uma reflexão sobre os efeitos de um padrão teórico-crítico dicotômico a atuar nos estudos do cordel no Brasil, modelo que, segundo a autora, atribui a originalidade e autenticidade da poética em tela ao seu pertencimento unilateral à tradição oral ou à cultura escrita e suas tecnologias de impressão, sem tensionar as linhas de força que atravessam a coexistência oral/escrito, com suas complexas temporalidades.

No artigo **Reflexos da literatura picaresca na literatura de cordel: análise de Presepadas de Pedro Malazarte e Proezas de João Grilo**, João Elias da Cruz Neto analisa os dois cordéis brasileiros, que dão título ao artigo, sob a perspectiva da literatura picaresca, associando-os à tradição picaresca espanhola cujo representante é o *Lazarillo de Tormes*, do século XVI.

Dois contribuições compõem a seção “Vária”. O texto **Patrick Chamoiseau: “Guerrier de l’imaginaire” em langue française**, de Camille Thermes, se concentra nos romances e em dois ensaios de Chamoiseau, com a finalidade de mostrar como a escrita do autor francês, nascida de uma relação complexa entre as línguas francesa e crioula, consegue superar os conflitos linguísticos e propor um imaginário misturado e singular, respondendo às suspeitas levantadas sobre a narrativa literária no contexto pós-moderno. Já o segundo texto, **Mrs Dalloway encontra Virginia Woolf: um estudo sobre a autonomia de mulheres**, Tainá Dias de Castro e Natália Fontes de Oliveira analisam a obra *Mrs Dalloway* (1925), de Virgínia Woolf, promovendo um estudo sobre a autonomia feminina para dimensionar o grau de aproximação entre Clarissa Dalloway e Woolf, visto que a autora dispõe da técnica do diálogo interior para presentificar sua personagem. Esta abordagem, segundo as autoras do artigo, permite ao leitor o acesso à relação entre o escrito e o vivido, considerando que a moldagem das subjetividades da narradora-protagonista se dá por meio de um contexto histórico e sociocultural, do qual a autora também faz parte.

Um único texto compõe a seção “Ensaio”: **Da cantoria à literatura de cordel: cantigas ao desafio, pelejas, debates entre poetas em Portugal e no Brasil**, de autoria do professor Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto. Já a seção “Resenha” coloca 05 (cinco) resenhas à disposição do leitor. São elas: **Brasil Tumbeiro: história, memória e escrevivência**, em que César Augusto de Oliveira Casella resenha o livro *Brasil Tumbeiro*, de Mário Aranha, publicado pela Editora Mostarda, de Campinas, São Paulo, em 2021. A segunda

resenha, intitulada **Sertão das arábias**, escrita por Dayse Oliveira Barbosa, trata do livro homônimo, escrito e ilustrado por Fábio Sombra, publicado pela editora Escarlata em 2016.

A terceira resenha, em francês, intitulada **Écriture et infini**, escrita por Abdelouahed Hajji, da Université Sidi Mohamed Ben Abdellah de Fès, Marrocos, apresenta o livro do professor marroquino Atmane Bissani, *Ecriture et infini. Essais sur la mystique en littérature*, publicado na coleção « Questions de littérature », em Tanger, norte do Marrocos, em 2022. Na quarta resenha, **A Carta de Satanás a Bolsonaro: perfil de uma autoria**, Dirceu Magri resenha o folheto de cordel homônimo, do poeta Zé de Quinô, considerando-o um desses cordéis críticos e denunciativos, cujo tom memorialístico convida a uma reflexão sobre os despropósitos de um passado não muito distante. Enfim, na última resenha, intitulada **Julia Lopes de Almeida – um (com) pássaro adiante**, Joelma Santana Siqueira analisa o cordel homônimo, de Edmilson Santini, publicado pela Editora Vermelho Marinho, em 2022, em que o poeta relata, em setilhas, pormenores da vida da poeta falecida em 1934, que, apesar de ter feito parte do grupo que fundou a Academia Brasileira de Letras, em 1897, morreu sem ter conseguido entrar para a história como membro da instituição.

Na sequência, na seção « Varal », o leitor pode apreciar a leitura dos dois cordéis que deram origem às últimas resenhas mencionadas, a saber: *A Carta de Satanás a Bolsonaro*, de Zé de Quinô (2022), e *Julia Lopes de Almeida, um (com) pássaro adiante*, de Edmilson Santini (2022).

Finalmente, na seção “Relatos de Experiência”, apresentamos o artigo **Leitura, cordel e formação de leitores: experiências em um clube de leitura on-line**, de Jaqueline Avelino da Silva e Marcelo Medeiros da Silva, cujas reflexões buscam compreender de que forma as experiências de leitura de cordel, em um clube virtual, contribuíram para o processo de formação de alunos de uma escola municipal, localizada no município de Monteiro, na Paraíba.

Aos pesquisadores e amantes da literatura, leitura e audição de folhetos de cordel, outrora lidos à sombra dos oitões e alpendres da casa grande; nas feiras, praças do mercado e estações ferroviárias, e hoje em outros suportes, uma boa viagem através dos textos que compõem esta edição do número 20 da Revista *Jangada*.

Geovanni Gomes Cabral (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa)

Francisco Cláudio Alves Marques (FCL/Unesp-Assis)

Carla Kühlewein (Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR)

Editores deste número